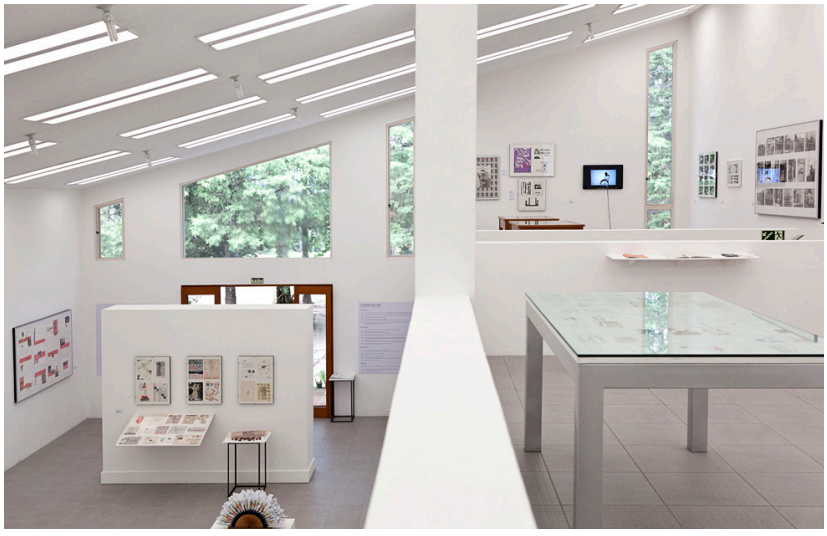
CLAUDIO GOULART NO BRASIL:

QUANDO A POESIA É TÃO VASTA

YURI FLORES MACHADO

Escritor e graduando no curso de Bacharelado em História da Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui publicações decorrentes de prêmios literários: *Prêmio Revelação Literária* da *Feira do Livro de Porto Alegre,* em 2005, na Categoria *Conto*. *Histórias de Trabalho* da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre em 2001 e 2003, também na Categoria Conto. Realiza as suas atividades profissionais junto ao Programa Educativo e ao Centro de Documentação e Pesquisa da Fundação Vera Chaves Barcellos, produzindo conteúdo para os materiais educativos da instituição. Atualmente, realiza pesquisa para o seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a obra de Silvio Nunes Pinto.



FOTOS: LEOPOLDO PLENTZ

NO DIA 06 de abril de 2019, na Sala dos Pomares, em Viamão, a Fundação Vera Chaves Barcellos inaugurou a exposição individual *Claudio Goulart: Quando o horizonte é tão vasto*, tendo como curadora a jovem pesquisadora Fernanda Soares da Rosa.[1] Artista brasileiro, radicado em Amsterdã desde os meados da década de 1970, Goulart desenvolveu a maior parte de sua obra na Europa, transitando pelas mais variadas técnicas e linguagens artísticas, como a colagem, a fotografia, o vídeo e a arte postal, utilizando processos complexos de apropriação, que passaram por imagens históricas, mídia de massa e cinema. A exposição reuniu mais de 60 trabalhos do artista brasileiro. Destacamos as fotografias, seus trabalhos em videoarte e as colagens. Muitas das obras presentes na exposição foram recentemente tombadas no acervo artístico da Fundação Vera Chaves Barcellos por meio de doação realizada pela Fundação Art Zone, instituição holandesa criada em vida por Claudio Goulart. Ao visitante não passa despercebido um evidente componente político e social que povoa grande parte da obra do artista, com temas caros à sociedade ocidental do final do século XX. Incomunicabilidade humana, guerras, desenraizamento geográfico e alienação política das massas são temas recorrentes nas obras do artista, que busca em imagens remotas da história o seu universo imagético.

A poesia é presença marcante na exposição, e poderíamos até mesmo apontá-la como a substância principal do conjunto das obras expostas na Sala dos Pomares. Há uma atmosfera poética que está irremediavelmente incorporada nas performances de Claudio Goulart, a beleza[2] está lá, em um vai e vem entre a melancolia e a tentativa de salvação, a defeituosa recepção do amor emitido por afetos que somos incapazes de acolher. Uma muda refração que pode neutralizar o amor. Essa implacável incomunicabilidade está presente na obra *Dialogs* (1980) (Figura 1), vídeo que tem origem em uma performance realizada na galeria

1

Fernanda Soares da Rosa é graduada em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (FFCH-PUCRS) e mestre em Artes Visuais, área de concentração em História, Teoria e Crítica, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV-UFRGS). Em sua pesquisa de mestrado investigou questões referentes a arquivos e a memória na arte contemporânea, através da produção do artista Claudio Goulart.

Bedaux, em Amsterdã (1978). Os artistas Claudio Goulart e Flavio Pons utilizam uma fita de tecido como metáfora do conteúdo de suas falas, que é assimilado ou não, e devolvido em uma disputa entre dois interlocutores, expressando nessa troca as variadas potências comunicacionais humanas. Sobre as vendas em seus olhos: o olhar sobre o outro enquanto o aceitar o outro, e o não olhar, como o desprezar aquilo que o outro exprime. O afeto mantém em si uma dimensão que, quando não acolhida, fenece como uma fala inacabada. A poeta polonesa Wislawa Szymborska adverte em seu poema *Um encontro inesperado* sobre essa delicada necessidade humana de acolhermos os afetos, que por vezes, não obtém satisfação:

> Nos tratamos com muita cortesia, dizemos que é ótimo nos encontrarmos depois de anos. Nossos tigres bebem leite. Nossos falcões andam a pé. Nossos tubarões se afogam n'água. Nossos lobos bocejam junto à jaula aberta. Nossas víboras livraram-se dos relâmpagos. Os macacos da inspiração, os pavões das penas. Os morcegos já há muito voaram dos nossos cabelos. Silenciamos no meio da frase, impotentes, sorridentes. Nossa gente, não sabe falar. (SZYMBORSKA, 2016. p. 78)

Mas esse *olhar/desolhar* estará presente também na obra *Los Juguetes* (1997) (Figura 2). É uma das produções mais emblemáticas da trajetória de Claudio Goulart, recebendo da expografia um tratamento especial. A obra foi concebida como uma contribuição ao tema da *VI Bienal de Havana:* O indivíduo e suas memórias (1997).[3]

2

Seguimos um entendimento do conceito de "beleza" enquanto a sua fundamentação no famoso livro *Performance, recepção, leitura*. Nesse instigante texto, o medievalista suíço Paul Zumthor desenvolve uma extensa argumentação defendendo que existe uma estreita ligação entre performance e poesia. Uma das conclusões do autor repousa na ideia de que a beleza dos atos performáticos seria uma graça a mais, estaria vinculada ao prazer, sendo ao mesmo tempo alegria e signo: "Que um texto seja reconhecido por poético (literário) ou não depende do sentimento que nosso corpo tem. Necessidade para produzir seus efeitos; isto é, para nos dar prazer. É este, a meu ver, um critério absoluto. Quando não há prazer – ou ele cessa – o texto muda de natureza". (ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 35).

Na obra, vemos o artista com a venda preta ou colorida sobre os seus olhos, e as imagens de guerra, o colonialismo ocidental, o dinheiro, as manipulações da mídia, os mitos criados pelo cinema, a situação social dos povos oprimidos. A obra exibida na Sala dos Pomares é um recorte da instalação apresentada em Havana, formada por autorretratos do artista, imagens apropriadas, e diversos símbolos desenhados em giz branco sobre o peito. Em *Los Juguetes*, o ser humano, ao colocar e ao retirar a venda de seus olhos, determinará a cadência dialética do próprio jogo histórico, mais que o próprio fato e seus signos; seria o *olhar/deixar de olhar* que definiria a História. Dessa obra emana sentimentos contraditórios, como a repulsa e a solidariedade. Aquilo que queremos deixar que ocupe a nossa existência, e aquilo que não queremos, o sofrimento do nosso semelhante nesse nosso mundo que nos invade pela visão. Colecionamos imagens como se *juguetes* fossem.

O processo de criação de alguns artistas passa pelo ato de caminhar. O objetivo é aguçar as percepções do entorno, investigar as nuances das paisagens urbanas que passam despercebidas pelas retinas cansadas do transeunte comum. O poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867), e o seu *flâneur*, o filósofo Walter Benjamin (1892-1940) e a sua astuta exploração das Passagens da capital francesa, e posteriormente, o filósofo Guy Debord (1931-1994) e a sua teoria da deriva, exploraram as potencialidades artísticas, literárias e até mesmo arquitetônicas do ato de caminhar ou perambular pelas ruas de uma metrópole. Claudio Goulart utiliza-se desse modo de operar com o espaço e as imagens de uma cidade estrangeira para realizar a obra *FOTO GRAFIA* (1983) (Figura 3). A série é uma coleção de imagens da cidade de Tóquio, na qual o artista irá registrar fragmentos dessas paisagens. No exercício do olhar, ele enxerga grafias ou desenhos nos segmentos de imagens capturadas durante as suas caminhadas pela cidade japonesa. O escritor austríaco Thomas Bernhard afirma que o *andar* está sempre relacionado ao pensar.[4] Claudio Goulart parece registrar esses pensamentos que conversam com a paisagem, obtendo um resultado de ele-

3

Uma produção complexa, constituída por uma série de instalações em locais históricos: Centro de Arte Contemporânea Wifredo Lam, Castillo del Morro, Fortaleza de La Cabaña, Cine Yara, Fototeca de Cuba, Museu de La Casona, Casa Simon Bolivar, Centro de Desarro de las Artes Visuales e nas ruas de Havana.

vada potência poética. O artista parece *tecer com o pensamento* essa série de fotografias.

É importante ressaltar nessa exposição a atenção que o artista direcionou ao patrimônio histórico. Monumentos de diversas épocas participam de suas colagens. Da obra *Monuments* (1978) (Figura 4), a curadora selecionou três colagens para a exposição, nas quais Claudio Goulart jogou com as percepções do espaço/tempo, colando imagens de monumentos históricos famosos com ícones promovidos pela mídia de massa no século XX: uma plataforma de lançamento de foguetes espaciais (que lançará ao espaço um monumento de formato fálico) e soldados paraquedistas planando sobre o Coliseu. Para o artista, o passado insiste em intervir no presente das imagens, e vice-versa. O binômio *destruição/conservação* do patrimônio é relacionado a outro binômio: *esquecimento/memória*. Tema recorrente na contemporaneidade, a preservação de um patrimônio comum, implacavelmente bombardeado pelas ambições do sistema capitalista das grandes metrópoles, pode ser uma possível aproximação à *Monuments*. Como afirma a historiadora Françoise Choay, os monumentos servem como poderosas advertências sensitivas à memória:

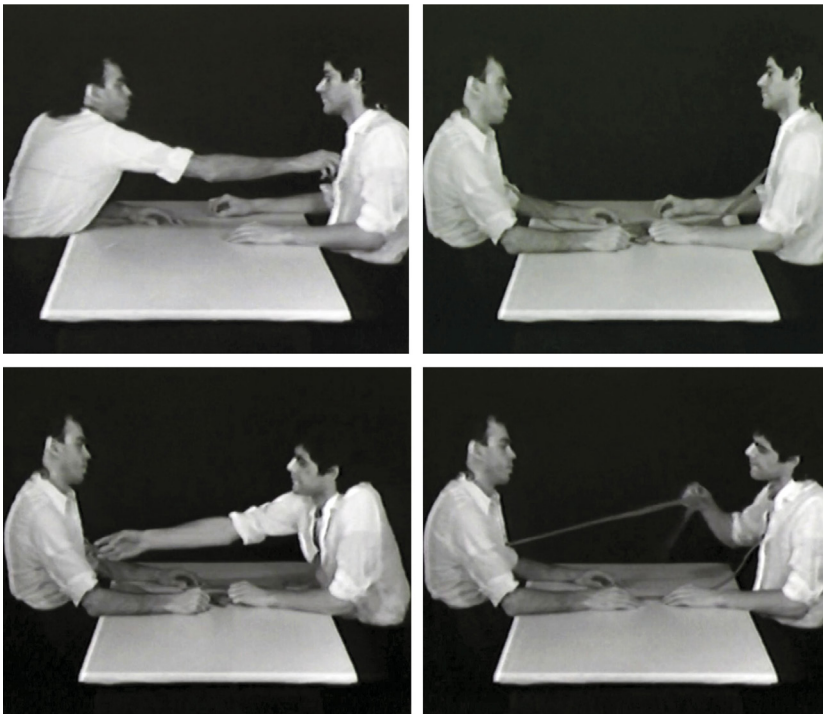
> Em primeiro lugar o que se deve entender por monumento? O sentido geral do termo é o do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* ("advertir", "lembrar"), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de trocar, pela emoção, uma memória viva. (CHOAY, 2017. p. 17).

4

Thomas Bernhard argumenta em seu livro que o ato de pensar deve ter um fim, sob a pena da perda da razão daquele que caminha e pensa (podemos chamá-lo de um ser *caminhante/pensante*). Lembremos que diversos artistas contemporâneos têm utilizado processos de deriva em suas produções. "Em meio a todas as possibilidades de uma mente humana, é um pensamento que não para e, em meio a todas as possibilidades de um cérebro humano, é uma consciência que não para e, em meio a todas as possibilidades de uma índole humana, somos arrastados para tudo quanto é lado". (BERNHARD, Thomas. *Andar*. Santos: Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2017. p. 6).

A nossa emoção perante os monumentos, às obras de arte e às esculturas costuma estar acompanhada da poesia. E quando a poesia é tão vasta, o horizonte também se torna. Claudio Goulart sabia disso.

FIGURA 1 – Frames do vídeo *Dialogs*

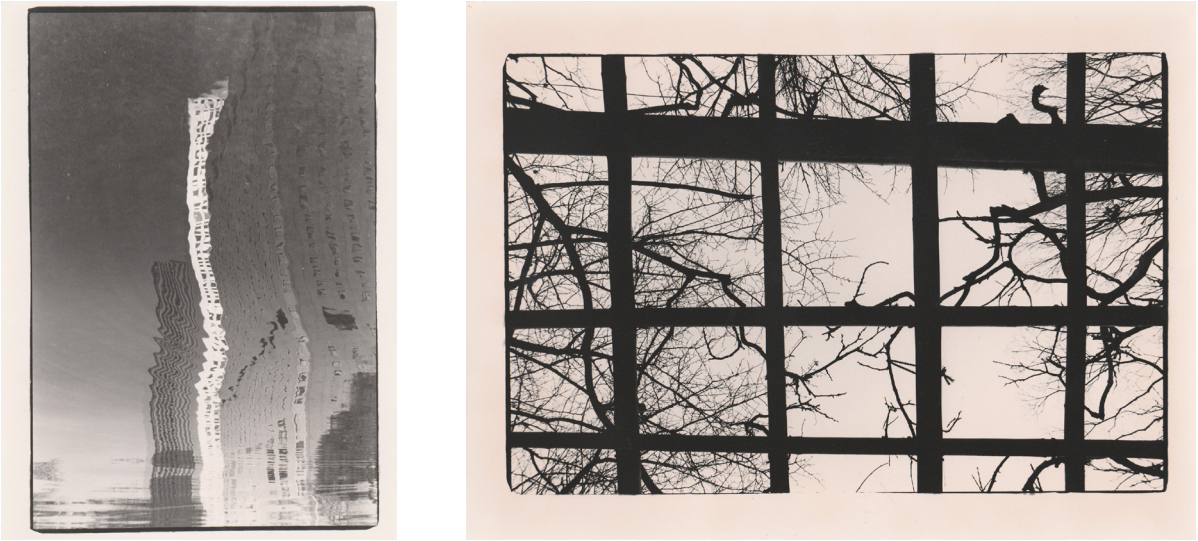


FONTE: Goulart e Pons (1980)

FIGURA 2 – *Los Juguetes*

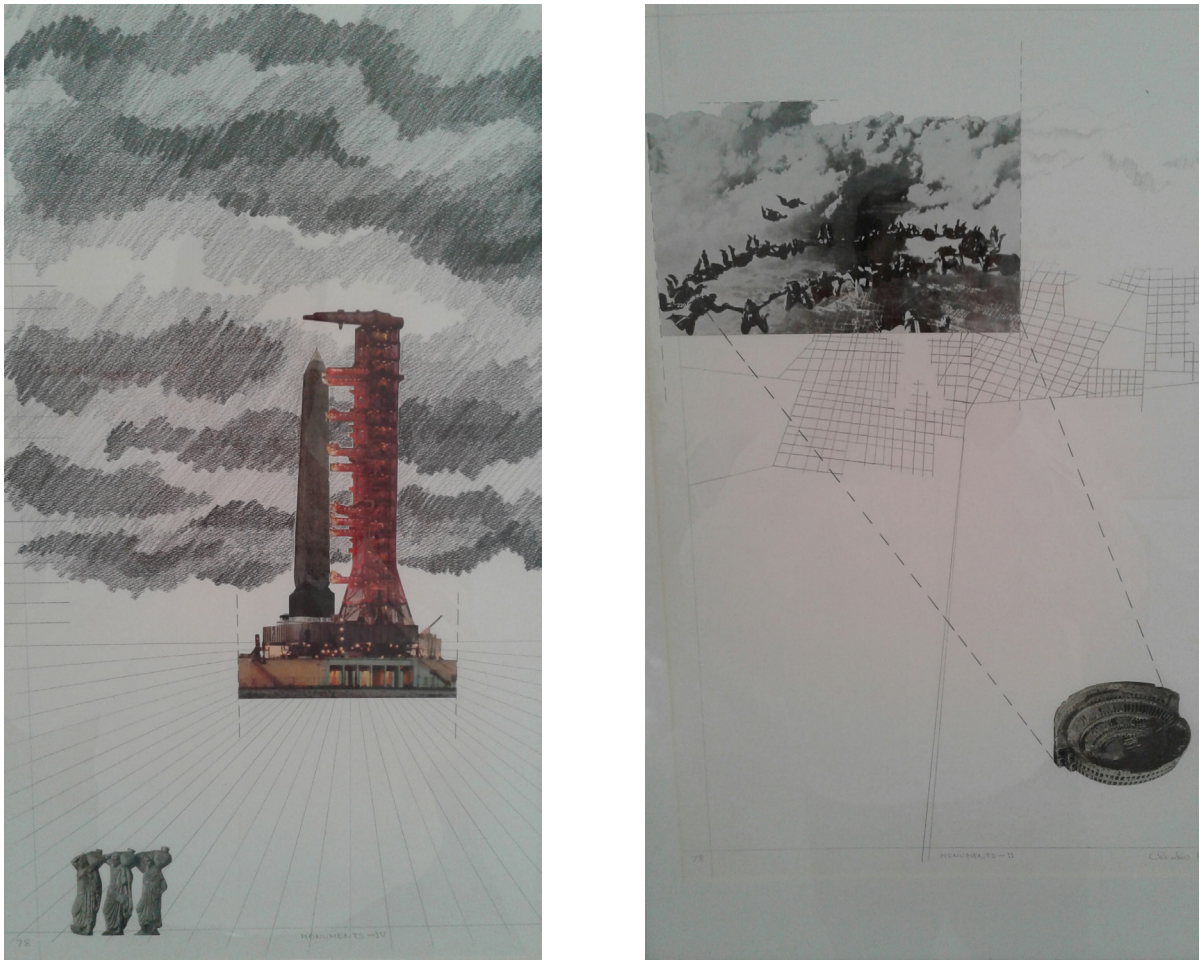
FONTE: Goulart (1997)

FIGURA 3 – *FOTO GRAFIA*



FONTE: Goulart (1983)

FIGURA 4 – *Monuments*



FONTE: Goulart (1978)

REFERÊNCIAS

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2017.

GOULART, Claudio. **FOTO GRAFIA**. Fundação Vera Chaves Barcellos: coleção artistas contemporâneos. Fotografia, 1983.

GOULART, Claudio. **Los juguetes**. Fundação Vera Chaves Barcellos: coleção artistas contemporâneos. Desenho com colagem e fotocópia, 1997.

GOULART, Claudio. **Monuments**. Fundação Vera Chaves Barcellos: coleção artistas contemporâneos. Desenho e colagem, 1978.

GOULART, Claudio; PONS, Flavio. **Dialogs**. Fundação Vera Chaves Barcellos: coleção artistas contemporâneos. Vídeo, 1980.

SZYMBORSKA, Wislawa. **Um amor feliz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.